

RESENHA DE *A ÁRVORE DE LUZ*, DE RINA SARA VIRGILLITO

BOOK REVIEW: A ÁRVORE DE LUZ, BY RINA SARA VIRGILLITO



Sérgio Gabriel MUKNICKA
Doutorando em Estudos Literários
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Faculdade de Ciências e Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Araraquara, São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-3929-8089>
sergiomuknicka@hotmail.com

Resumo: Esta resenha aborda o livro *A árvore de luz* da escritora italiana Rina Sara Virgillito. Trata-se de uma importante obra para os estudos de literatura italiana no país. Virgillito concebeu os poemas desse livro utilizando-se, de modo exemplar, dos estratos verbais, visuais e vocais à disposição. A tradução para a língua portuguesa, na maioria das vezes, recupera esse esmero linguístico-poético. O trabalho editorial, além de muito estético, respeita o aproveitamento da página em branco nos poemas traduzidos. Por fim, essa tradução apresenta um breve estudo introdutório, o que também auxilia leitores iniciantes no universo da poetisa milanese.

Palavras-chave: Rina Sara Virgillito. Poesia italiana. Tradução poética. Literatura italiana.

Abstract: *This review addresses the book *A árvore de luz* by the Italian writer Rina Sara Virgillito. The translation of this book is an important work in the field of Italian literature in Brazil. Virgillito wrote the poems in this book using, in an exemplary way, the verbal, visual, and vocal resources available. The translation into the Portuguese language, in most cases, recovers these poetic resources. The editorial work, in addition to being very aesthetic, respects the poetic use of the blank page in the translated poems. Finally, this translation presents a brief introductory study, which also helps novice readers in the universe of the Milanese poet.*

Keywords: *Rina Sara Virgillito. Italian poetry. Poetic translation. Italian literature.*



VIRGILLITO, Rina Sara. *A árvore de luz*. Traduzido por: Sergio Romanelli e Eugenia Maria Caleffi. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016, 95 p. Tradução de: *L'albero di luce*.

Quem inicia a leitura de *A árvore de luz* – volume bilíngue publicado pela Rafael Copetti Editor – com a despreensão animada de ter em mãos uma coletânea de poemas alinhavados sob um pretencioso sol toscano, engana-se muito. Rina Sara Virgillito (1916-1996), poeta milanesa, tradutora voraz e conhecida por sua reclusão, traça diante dos olhos de leitores desavisados imagens fulgurantes que ressignificam o fazer poético.

O livro inicia-se com uma breve apresentação do professor Sergio Romanelli que, em parceria com a professora Eugenia Maria Galeffi, traduziu os poemas. Em seguida, vê-se o interessante – ainda que breve – estudo da crítica italiana Sonia Giorgi, intitulado *A árvore de luz: um estudo em chave alquímica*. A coletânea, em si, é composta por trinta e dois poemas com suas respectivas traduções na outra página, permitindo-nos, assim, uma satisfatória leitura comparativa no que diz respeito à tradução poética. O volume encerra-se com breves biografias da poeta e dos tradutores.

440

Os poemas de Virgillito inscrevem-se no signo da imagem, e, ao tecer tal assertiva, possivelmente nos passaríamos por pregadores do senso comum, uma vez que todo poema de qualidade literária se erige sob, sobre e ao redor de imagens. Virgillito, entretanto, esculpe seus poemas – ao menos, assim os interpretamos – tendo como modelo não somente a luz; mas, sobretudo, a refração.

Sua sintaxe implodida, o arranjo dos versos nas páginas faz-nos pensar na refração da luz, que, ao ultrapassar a fronteira entre dois meios diferentes, fragmenta-se em muitas outras ondas luminosas. Nas palavras da crítica Sonia Giorgi (2016, p. 13, grifos da autora): “Na noite consagrada ao Amor tudo é um cintilar de luzes que velam mais do que desvelam: o *candeieiro* que *vacila*, a *palidez do dia*, o *bate-boca das joias*, o *ouro que / criamos*, [...]”. Podemos, como se pode constatar na citação de Giorgi, afirmar também que, além da luz, muitas composições versam sobre o amor e seus desdobramentos.

Acerca da tradução, podemos comprovar que os poemas foram muito bem traduzidos, ainda que certos recursos poéticos tenham sido repensados. Por exemplo, o último verso do poema “DELTA”: “sumo movimento” (VIRGILLITO, 2016, p. 87), que, no poema em italiano, apresenta-se como “*sommovimento*”. Ou seja, a poeta aglutinou as duas palavras, a fim de que,

juntas, pudessem transmitir essa ideia do constante, supremo e sensual movimento de um estuário a desaguar no mar. Em português, essas aglutinações não foram mantidas.

No entanto, a disposição visual dos versos nas páginas – o que é de extrema importância – manteve-se a mesma, o que corrobora o efeito de estranhamento dos poemas. Cabe, ademais, destacar o exímio cuidado dos tradutores e da edição em apresentar os poemas com aproveitamento da página em branco tal como os concebeu Virgillito. Isto é, além da concretude imagética dos versos, os signos de pontuação são espaçados no original e foram mantidos tais espaçamentos na tradução.

Recupera-se, assim, efeitos de sentido que certamente foram muito trabalhados. Como um exemplo, entre os muitos do livro, os poemas “4. RAIZ” e “6.”, sem título, exemplificam à perfeição o desenho significativo que os versos e as estrofes assumem. Neste ponto, podemos inferir a concepção tradutória dos artífices que transpuseram Virgillito para o português.

Trata-se de um trabalho bem feito e consciente. A tradução poética apresentada é um livro de equilíbrio raro entre o conhecido – sem se tornar de forma alguma domesticado – e o obscuro – sem jamais ser altissonante; não era essa a proposta da autora. Os poemas são transcritos com grande respeito ao original e à poética da escritora. Vejamos alguns exemplos:

Os poemas “25. KAMA”, “28.”, sem título, e “29. OURO” são composições delicadas, mas pungentes; elas, ao passo que parecem descortinar cenas eróticas entre amantes, encobrem e opalescem os sentidos. Assim, ainda que possamos interpretar muitas composições sob o viés do erótico-amoroso, fala-se, ainda, sobre a luz, sobre suas fulgurações, sobre humores e sobre metais liquefeitos a escorrer cintilantes.

A implosão da sintaxe e a disposição – além de imagética – muito desautomatizadora dos versos nas páginas faz-nos pensar em Luiza Neto Jorge (1939-1989), poeta portuguesa cuja poética instaura-se também sob a égide da ressignificação e da implosão das formas poéticas. Fazemos essa comparação não à esmo, pois Luiza Neto Jorge, em seu poema “A Magnólia”, apresenta-nos imagens tão belas quanto Rina Sara em seu penúltimo poema “MAGNÓLIA (A ÁRVORE DE LUZ)”. Cabe, aqui, a título de exemplificação, vermos as duas composições:

A Magnólia

A exaltação do mínimo,
e o magnífico relâmpago
do acontecimento mestre
restituem-me a forma
o meu resplendor.

Um diminuto berço me recolhe
 onde a palavra se elide
 na matéria — na metáfora —
 necessária, e leve, a cada um
 onde se ecoa e resvala.

A magnólia,
 o som que se desenvolve nela
 quando pronunciada,
 é um exaltado aroma
 perdido na tempestade,

um mínimo ente magnífico
 desfolhando relâmpagos
 sobre mim.
 (NETO JORGE, 2008, pág. 62);

30. MAGNÓLIA
 (A ÁRVORE DE LUZ)

Entregando-se
 ao último
 paraíso
 se desfaz
 a árvore de luz
 no sopro das
 mãos
 ávidas se
 remexe
 no infinito fervilhar
 de germes
 radiantes no céu,
 não visíveis
 para nós
 submersos
 no palpar indiviso
 (VIRGILLITO, 2016, p. 84).

De chofre, já se percebe que os poemas são flagrantemente diferentes no que concerne à forma e ao aproveitamento da página em branco. Encontramos, não obstante, liames possíveis entre as duas composições. Destaca-se o minimalismo (a preciosidade do detalhe) como a senda escolhida por ambas. Minimalismo este nunca de recursos poéticos, mas, sim, da visão poética. Como mencionamos anteriormente, trata-se aqui de poemas que refratam a realidade vivenciada, decompondo-a em milhares de imagens múltiplas. Na árvore de luz da poeta milanesa, encontramos o que Neto Jorge poetiza como o mínimo instante que se elide entre o

soar e o desfolhar da pronúncia de uma palavra. Cabe, além disso, olharmos o último poema de Rina Sara, intitulado “DELTA”:

31. DELTA
Obscureces
 os fogos
até
o último tição,
 tu
a Aridez e
 O Advento

o delta se perde
 nos lábios do oceano,
lábil arco
 inalcançável
 sumo movimento
(VIRGILLITO, 2016, p. 87).

A imagem do delta, foz estuarina cuja forma mimetiza um triângulo, remete-nos imediatamente – devido, também, ao campo semântico relacionado à água – à cena sexual do derradeiro encontro entre o eu-lírico (o delta) e seu amante (o oceano). Leia-se: “o delta se perde/nos lábios do oceano,/lábil arco/inalcançável/sumo movimento” (VIRGILLITO, 2016, p. 87). Ainda nas palavras de Giorgi (2016, p. 13-14), lemos que “[...] a função soteriológica, que pertenceu um tempo à alquimia, é confiada, nos nossos dias tão obscurecidos de sentido, à Poesia, a uma arte que é vaticínio, comunicação críptica de um sentido readquirido”. Afirmção pertinente, pois é por meio dessas profecias de imensidão e de fulguração que se entrevê o erótico/amoroso, agora, ressignificado dentro dos ínfimos instantes do prazer entre amantes.

Por fim, é pertinente frisar o cuidadoso trabalho editorial do volume em cuja capa encontramos o “Tríptico em tonalidade maior” da artista Silva Felci¹. Destacamos que essa “tonalidade maior” nada mais é do que um tríptico em cores primárias (vermelho, amarelo e azul), preto e branco. Ou seja, desde a capa do livro, já se pode perceber o intuito da poesia e dos tradutores de Rina Sara Virgillito: recursos estratégicos, e que, muito bem combinados, geram desdobramentos – imagéticos e semânticos – contínuos, como um estuário a desembocar perpetuamente no mar.

REFERÊNCIAS

GIORGI, Sonia. *A árvore de luz: um estudo em chave alquímica*. In: VIRGILLITO, Rina Sara. *A árvore de luz*. Traduzido por Sergio Romanelli e Eugenia Maria Caleffi. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. p 10-15. Tradução de: *L'albero di luce*.

JORGE, Luiza Neto. *19 recantos e outros poemas*. Org. Jorge Fernandes da Silveira e Maurício Matos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

¹ Esta imagem encontra-se, também, na edição italiana do mesmo livro de Virgillito.

NOTA DO AUTOR

Sérgio Gabriel MUKNICKA – Doutorando e Mestre (2017) em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduado em Letras (2015) pela mesma instituição. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara, São Paulo, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3929-8089>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4150483592889376>

E-mail: sergiomuknicka@hotmail.com